

UMA IMITAÇÃO EM CERÂMICA COMUM, DE UM PRATO EM SIGILLATA HISPÂNICA

Maria Garcia Pereira MAIA

O Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia possui um prato que constitui, a meu ver, uma tentativa de imitação em cerâmica comum, de uma peça em «Sigillata» hispânica.

Para além do seu perfil, muito próximo do de alguns pratos de forma hispânica 15/17 e do polimento dado ao engobe, a característica mais original que a peça apresenta é uma marca de oleiro no centro do fundo interno.

O prato provém de Arcozelo, nas proximidades de Barcelos (Distrito de Braga), onde foi adquirido por Leite de Vasconcelos. Infelizmente não possuímos informações mais precisas acerca das circunstâncias do achado, ou de outros materiais que o acompanhassem.

Descrição:

Pasta vermelha acastanhada, de grão muito fino, muito depurada, muito dura. O engobe que a recobre é castanho manchado de tons avermelhados e alaranjados, de espessura irregular, mas muito polido superficialmente, conseguindo dar à peça um certo brilho mate.

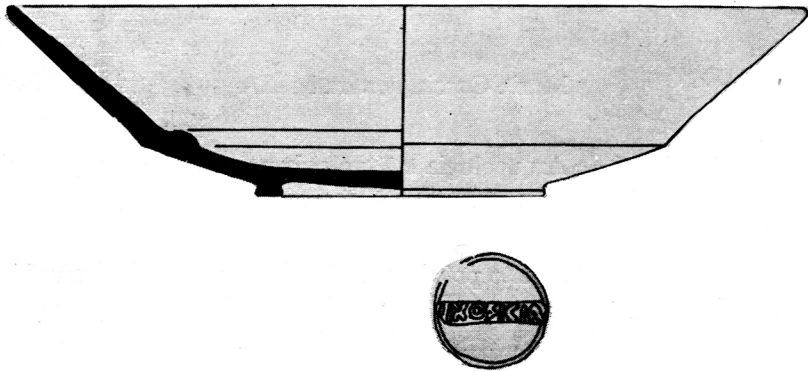
O perfil é quase troncocónico, com parede oblíqua. Tal como a forma 15/17, possui um quarto de círculo em relevo assinalando a transição da parede lateral para o fundo, na face interna. Na face externa, a transição parede-fundo é apenas marcada por uma saliência angular, simples. O pé é muito baixo, em forma de anel e o fundo prolonga o perfil das paredes, em curvatura doce.

Marca: Interior, central, em cartela rectangular com os ângulos arredondados, rodeada por um círculo inciso. As letras são medianamente altas, impressas em relevo, com os contornos pouco nítidos. IIXOFICIA. O E inicial tem a forma arcaizante de

duas barras verticais. A leitura mais provável é a seguinte: IX-OF (f) ICI (n)A, mas não é de excluir a hipótese de se dever ler IIX-OFIC- IA, sendo as duas últimas letras a abreviatura do nome do oleiro autor do prato.

O uso da fórmula inicial IIX-OF, característica da produção hispânica, vem em apoio da conclusão já claramente sugerida pelo perfil do prato, de que o modelo que serviu de base a esta peça era de fabrico hispânico.

Tratando-se de uma imitação, parece legítimo fazer-se a transposição das evidências sobre a evolução desta forma em «Sigillata» hispânica, para esta peça, ainda que cautelosamente, visto que algumas características podem eventualmente ser consequência, de inexperiência, pouco domínio da técnica ou ainda influências locais.



ESC 1:2

Pelo contrário, a aplicação dos dados epigráficos das marcas de oleiro sobre «Sigillata» à marca desta peça parece automaticamente legitimada pela sua extraordinária semelhança com aquelas e ainda pela garantia de não contaminação que oferece a total ausência de marcas deste tipo em cerâmica comum.

Reconhecemos, portanto, nesta peça, as características próprias dos perfis mais tardios na evolução desta forma (1). A falta de molduras ou caneluras pode ser mais devida a dificuldades de ordem técnica do que ao modelo utilizado.

Por outro lado, o uso da fórmula II em vez de E, no início da marca denota certo ar caísmo, embora as letras, mal definidas e relativamente baixas, apontem em direcção contrária.

(1)— M. A. Mezquiriz, *Terra Sigillata Hispanica*. Valência 1961, Vol. I, p. 55 e Vol. II, Est. 12, n.º 14, 16 e 17.

Se a primeira leitura da marca, que parece a mais provável for correcta, o autor da peça não procurou, sequer, imprimir o seu nome, limitando-se a reproduzir a fórmula introdutória praticamente não abreviada, preenchendo com letras a zona que costuma ser ocupada pela assinatura. De notar que a grande frequência de ocorrências de marcas na forma hispânica 15/17 em «Sigillata», tornava quase obrigatória uma inscrição neste local, para dar mais verosimilhança à imitação.

A marca resulta da impressão de um punção feito especialmente para esse fim e não foi manuscrita ou esgrafitada. Dado que é improvável que esse punção fosse utilizado uma só vez, ela deve estar presente noutras peças em cerâmica comum.

Pelas suas afinidades com a «Sigillata» hispânica não é difícil concluir que se trata de uma peça de fabrico peninsular. As suas características, um pouco simplistas e artesanais, sugerem um fabrico local, numa oficina tradicional, com uma zona de influência relativamente restrita, tratando-se de um produto feito para servir um mercado onde a «Sigillata» hispânica era conhecida e apreciada.

O levantamento de um mapa da distribuição desta marca talvez permitisse estabelecer com certa precisão a zona de origem da peça e esclarecer algumas questões que ficam sem resposta:

— A razão pela qual o oleiro não utilizou a técnica da «Sigillata» — inadequação das argilas locais, desconhecimento do «modus faciendi», ou custo monetário mais elevado?

— Motivações de ordem sociológica, comercial e de concorrência, para este desejo de imitar a «Sigillata».

Lisboa, Fevereiro de 1976

SUMMARY

The A. studies a plate in common pottery that she believes to be an imitation of a form of Spanish «terra sigillata».

As the plate bears a true potter's stamp (in which no name was written), the A. calls the attention for it, because the study of its distribution might point out the location of the oven where it was made.